CORRESPONDÊNCIAS EM ÀS AVESSAS

• Mestranda em Teoria
Literária e Literatura
Comparada na USP.

MARTA NEHRING*

RESUMO: Características da prosa e do personagem central do romance *Às Aversas*, de J.-K. Huysmans, constituem o ponto de partida para reflexões sobre o caráter inovador da obra. São relacionadas referências ao contexto histórico, a poetas do simbolismo francês e a outros romancistas.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolismo; *Art Nouveau*; Modernidade, Psique.

O órgão achava-se agora aberto. Os registros etiquetados “flauta, trompa, voz celeste” estavam puxados, prontos para a manobra. Des Esseintes bebia uma gota aqui, outra lá, executava sinfonias interiores, lograva suscitar, na garganta, sensações análogas às que a música derrama nos ouvidos.

(...)

A pouco e pouco, enquanto bebia, seu pensamento acompanhou a impressão agora reavivada pelo paladar, acertou o passo com o sabor do uísque, que despertou, por uma fatal exatidão de odores, lembranças apagadas pelos anos.¹

⁽¹⁾ J.-K. HUYSMANS, *Às Aversas*, trad. José Paulo Paes, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 78-9.

⁽²⁾ Como não lembrar do poema *Correspondances*, de Baudelaire? “(...) *Comme de longs échos qui de loin se*

Ambas as citações pertencem ao romance *Às Aversas*, de J.-K. Huysmans, publicado na França em 1884. No primeiro trecho está presente a sinestesia simbolista, na associação entre som e sabor.² O segundo trecho é precursor do famoso episódio das *madeleines*, em *Du Côté de Chez Swann*, de Marcel Proust. Ambos, que pertencem ao episódio do “órgão-de-boca”, no capítulo IV, sugerem a existência, na psique, de associações alheias ao controle da vontade. Em outra passagem, a presença desse mecanismo psíquico é reforçada:

O confuso acúmulo de leituras, de meditações artísticas em que se empenhara depois do seu isolamento, usando-o como uma espécie de barragem para deter a corrente das antigas lembranças, fora bruscamente arrastado e o caudal despencava, lançando por terra o presente e o futuro, a tudo afogando sob a superfície do passado, enchendo-lhe o espírito de uma imensa extensão de tristezas sobre a qual flutuavam, semelhantes a ridículos restos de naufrágio, episódios sem interesse da sua existência, ninharias absurdas.

O livro que segurava nas mãos caía-lhe sobre o colo; ele se abandonava ao desfile dos anos de sua vida defunta, contemplando-os com desgosto e alarme; eles giravam, fluíam agora à volta da lembrança de Mme. Laure e de Auguste (...) (p. 106).

confondent/Dans une ténébreuse et profonde unité;/ Vaste comme la nuit et comme la clarté;/ Les parfums, les couleurs et les sons se répondent" (Charles BAUDELAIRE, *Oeuvres Complètes*, Paris, Laffont, 1980).

O reprimido sempre retorna, ensinaria Freud anos depois. Entre as correspondências do simbolismo e os mecanismos do inconsciente, a relação é evidente. Explícita nos trechos citados e em muitos outros, cabe analisar seu alcance na forma romanesca de *Às Avestas* e, mais precisamente, na composição de seu protagonista, Jean Floressas Des Esseintes, ou simplesmente Des Esseintes.

Des Esseintes é o derradeiro fruto de uma outrora importante família ducal. Debilitado por uma degenerescência genética, causada em parte por casamentos consanguíneos e que já vinha pautando a decadência de sua família, ele foi uma criança delicada, pálida, sujeita a males diversos. Tornou-se um adulto magro, de aparência linfática, nervos frágeis, efeminado. Criado num colégio de padres, logo afasta-se da religião. Uma vez adulto, sua fortuna permite-lhe viver no ócio e ele se torna um típico dândi parisiense.

A vida que leva, entre orgias, banquetes e excentricidades, acentua-lhe a debilidade, que assume a forma de uma doença de nervos. A nevrose torna-o impotente, e ao mesmo tempo farto dos prazeres mundanos. Ele decide então isolar-se do mundo e manda reformar uma pequena propriedade nos arredores de Paris. A casa de Fontenay-aux-Roses será o seu retiro, nela pretende viver em perfeito isolamento. Decora-a com esmero, de acordo com seu gosto refinado, cercado-se de quadros, livros e outros objetos capazes de suscitar sensações raras, que nada tenham a ver com o turbilhão vulgar da vida parisiense.

Seu projeto de isolamento, porém, está fadado ao fracasso. Para grande contrariedade sua, a todo momento assaltam-lhe a mente episódios do passado. As pessoas com as quais conviveu povoam seu pensamento. O desejo de solidão, irrealizável, surge como derradeiro sinal da nevrose que o acomete. De forma que o isolamento, que ele acreditara ser o paliativo para seus males, vai, ao contrário, agravar-lhe os achaques e a fraqueza.

***

A estrutura do romance articula-se através da evolução da nevrose de Des Esseintes. Traz à baila os precedentes da infância, da hereditariedade, do meio ambiente e descrições pormenorizadas de suas mazelas e respectivos tratamentos. As minúcias com as quais a doença é descrita beiram o risível, em mais de uma passagem.

Neste sentido, *Às Avestas* revela-se paródia do naturalismo, o que pode ser relacionado à antiga ligação de seu autor, Huysmans, com a escola de Zola. Mas não é apenas neste aspecto que o romance assume ares de paródia. O alto e magro Des Esseintes tem um lado quixotesco, tanto na aparência física quanto na impossibilidade de realizar sua idéia fixa, viver na solidão. Mas, à diferença do

Cavaleiro da Mancha, os maiores obstáculos que ele encontra não estão no mundo, mas em si mesmo, nos meandros de sua psique.

Quanto à trama, se o critério para defini-la são os componentes da ação na qual evoluem os personagens, pode-se dizer que em *Às Avestas* ela é rarefeita. Porém, isso só é válido nos termos da forma romanesca que imperava até então. O romance de Huysmans contém uma alta dose de ação, concentrada na atividade psíquica. Digressões, sonhos, fantasias e reminiscências sucedem-se. Ao tirar do limbo sua vida pregressa, povoando seu isolamento com diálogos e gestos, vozes e rostos, a psique de Des Esseintes faz que ele *reviva* intensamente. Os diálogos e a ação do romance tendem a acontecer nestes *flash-backs* que revelam, precisamente, o quanto o seu desejo de solidão é impossível.

Não é apenas nas características da trama que o romance de Huysmans é inovador. Vale lembrar que ele pertencera ao círculo de Zola, e que o grande salto em relação ao naturalismo não está no enfoque psicológico nem na paródia, mas na presença de uma linguagem que exalta esse olhar sobre a psique. A publicação de *Às Avestas* marca o rompimento de seu autor com o mestre, o título do livro referindo-se à trajetória singular de um decadente e também à linguagem na qual foi escrito, quando comparada ao estilo do realismo.³

O texto de Huysmans é riquíssimo, *faisandé* ao extremo. Mimetiza, em sua forma, os paroxismos e as aparentes contradições da atividade psíquica, de modo que a ação vai transcorrer, em grande parte, no âmbito da linguagem, em dois planos. Via imagens, pelo estabelecimento das correspondências e no trabalho do texto, via tensão entre oxímoros, neologismos, mistura de instâncias (expressões populares e termos eruditos, por exemplo), emprego inusual de adjetivos, transgressões de sintaxe etc. O trabalho da linguagem, seu emprego rebuscado, enfim, toda a “não-ação” do livro tem função orgânica. Daí poder-se afirmar que *Às Avestas* está ligado ao *Art Nouveau*, do qual é contemporâneo, pois que nele o ornamento tem função estruturante.⁴

Assim, a tensão da obra é, em boa parte, fruto das tensões da linguagem, da qual, inclusive, *Às Avestas* se faz manifesto declarado, num procedimento metalingüístico, quando discorre sobre arte e literatura. O constante jogo de referências, sugeridas correspondências, constitui um verdadeiro programa estético. Por exemplo, na passagem sobre o pintor Gustave Moreau, em que o “objeto” descrito e a linguagem utilizada para descrevê-lo são duplos de uma mesma intenção:

Após ter-se desinteressado da existência contemporânea, havia decidido não introduzir em sua célula larvas de repugnância ou pesares; quisera, por isso, uma pintura sutil, extravagante, mergulhada num antigo sonho, numa corrupção antiga, longe de nossos costumes, de nossos dias. (...) desvendando-lhe os rastros de novas conjecturas, sacudindo-lhe o sistema nervoso com histerias eruditas, pesadelos complicados, visões lânguidas e atrozes.⁵

Observamos as imagens como “larvas de repugnância”, “histerias eruditas”, “pesadelos complicados” e “visões lânguidas”, que dão a tônica do livro. Denotam uma linguagem peculiar, apontam a exacerbação de uma característica do simbolismo na literatura, a tentativa de exprimir as sensações, únicas, de um indivíduo forçosamente único.⁶

Nas passagens em que traça o seu ideal estético, e aqui o olhar do protagonista coincide com a realização do escritor na forma do romance, Des Esseintes

(3) Sobre *Às Avestas*, escreve Valéry: “*Même si l'œuvre paraît barbare (...) et porte en soi des promesses de mort, des certitudes de délaissements pour cause de singularité, toutefois, elle est œuvre volontaire, elle a été un événement dans l'univers des Lettres, car elle a modifié plus d'un écrivain, marqué les limites du naturalisme*” (Paul VALÉRY, “Souvenir de J.-K. Huysmans”, in *Variété, Oeuvres*, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1987, v. I).

(4) José Paulo PAES mostra como se dá essa relação no prefácio à edição brasileira de *Às Avestas* (op. cit.) e no ensaio “O art nouveau na literatura brasileira”, in *Gregos e Bahianos*, São Paulo, Brasiliense, 1985.

(5) J.-K. HUYSMANS, op. cit., p. 83.

(6) O sentimento agudo da univocidade das sensações diz respei-

tes faz um paralelo entre o decadentismo *fin de siècle* e a literatura da decadência latina. Um dos fatores que subjazem a tal identidade é a intuição de se estar vivendo os “últimos dias” antes do fim de uma época. Em *Às Avessas*, a derrocada moderna era de cunho espiritual, em meio à prosperidade industrial da *Belle Époque*, enquanto a da Antigüidade latina foi física, em meio ao florescimento da espiritualidade católica. Ambas constituíram, contudo, valores de resistência. A arte decadente ao avanço dos “hábitos americanos”, nas palavras do próprio Des Esseintes (a massificação subsequente à Segunda Revolução Industrial), enquanto a literatura latina o foi ante o desmoronamento do Império Romano.

***

A resistência a uma nova ordem, cujo estabelecimento é irremediável, gera um inevitável sentimento de desencanto, presente no drama do muito chique Des Esseintes. Seu primeiro aspecto é o diletantismo, sobre o qual vai se falar mais adiante; o segundo, a ausência de uma baliza espiritual que compense a miséria humana, a inatingível felicidade. No primeiro, a ausência de um trabalho criativo; no segundo, a morte de deus, a perda da fé.

No romance de Huysmans, o vazio criado pelo desencanto é ocupado pela constante e paradoxal referência às coisas. De um lado, a preocupação em reiterar a repugnância a tudo que saiba ao “gosto comum”, ou seja, uma hipervalorização do individual; de outro, a valorização de objetos da arte ou da indústria, na medida em que são produtos do engenho humano, contraposto à natureza bruta.

O “órgão-de-boca”, já mencionado nas citações anteriores, é um exemplo perfeito de coisas cujo valor está no que representam, e não necessariamente no que são. “Coisas” que não foram aviltadas pelo gosto comum, por serem raras ou usadas de modo *sui generis*, e mantêm o dom de aludir e ao mesmo tempo falar ao coração de uma individualidade destacada das demais. Excitando os sentidos de quem já está tão farto de consumir que, saciado, sofre de um profundo tédio existencial.

A compilação de “coisas”, sejam elas concretas, como plantas exóticas, ou abstratas, como citações de autores, numa prosa que tem o poder sugestivo da poesia, eleva estas “coisas” a um grau tão importante para a constituição do sentido da obra, que elas se tornam equivalentes aos trechos onde se narra a ação, aos diálogos, ou às reflexões do protagonista. Tendo em vista uma estética regida pelas correspondências, na qual a representação da psique é mediada pela presença do objeto, pode-se falar numa “coisificação” das instâncias do pensamento e da psique.

Na casa de Fontenay agrava-se a nevrose de Des Esseintes, o que está em íntima relação com o fato de ela ter sido concebida integralmente pela sua fantasia exacerbada. Assim, em *Às Avessas*, a casa é o duplo do homem, e não do mundo. A identidade entre as coisas e a psique que sobre elas se debruça, o fato de o objeto se tornar fetiche de valores humanos apontam para uma nova sociabilidade, uma nova imagem de homem.

Nova imagem esta de características híbridas, paradoxais; através da aparente contradição de seus aspectos constitui-se o drama humano que aflora no romance. Além do já citado desencanto, que vem apoiado no diletantismo e na

to a uma característica do simbolismo na literatura. Segundo E. Wilson, “(...) o que é tão especial, tão fugidio, tão vago, não pode ser expresso por exposição ou descrição direta, mas somente através de uma sucessão de palavras, de imagens, que servirão para sugeri-lo ao leitor” (Edmund WILSON, *O Castelo de Axel*, São Paulo, Cultrix, 1967).

perda da fé, o personagem também traz em si características do “homem simbolista” e de um tipo que, na época, despontava nas cidades e na literatura, o “homem do *macadam*”.

O “homem simbolista” tem seu paradigma nas personagens idealizadas por Villiers de L'Isle-Adam, na figura de Axel, e por Mallarmé, na de Igitur. Isolados em suas torres de marfim, fugindo ao turbilhão da vida, ambos vivem da fruição estética e não têm por meta realizar seus sonhos, pois que como sonhos mantêm sua beleza intacta. Nas entrelinhas dessa atitude pessimista diante da vida, também relacionada à valorização do artificial, está a filosofia de Schopenhauer, ao qual Des Esseintes dedica fartos elogios. O diletantismo deste, sua repugnância pelo trabalho, advém em grande parte dessa filiação.

Mas o atormentado personagem não é o puro “homem simbolista”, também é o ser mundano, dândi consumista de coisas e de gente. Porém, como vítima do tédio, revela em si não o leão satisfeito em seu narcisismo, mas o homem urbano da modernidade, o passante solitário que atravessa os contos de Poe e desponta no *Spleen de Paris*, de Baudelaire, ambos leituras diletas de Huysmans. Sobre o poeta francês, dirá Des Esseintes:

Havia ele revelado a psicologia mórbida do espírito que atingiu o outubro de suas sensações; narrado os sintomas das almas solicitadas pela dor, privilegiadas pelo *spleen*; mostrado a cárie crescente das impressões, quando os entusiasmos, as crenças da juventude já se calaram (...).⁷

⁷ J.-K. HUYSMANS, *op. cit.*, p. 174.

E não será o protagonista de *Às Aversas* o próprio retrato de uma vítima das impressões, com seus nervos à flor da pele?

A inaptidão em alcançar uma solidão verdadeira, graças à qual alcançaria a harmonia consigo próprio, aponta para o aspecto híbrido do personagem.⁸ Isso já vem indicado na sua opção em procurar refúgio num lugar que é, a um tempo, “tão longe e tão perto” de Paris. Pois os rostos do passado voltam-lhe à mente chamados por sensações que as coisas, das quais cercou-se no seu retiro de Fontenay, suscitam-lhe via associações do subconsciente. Porque a relação de Des Esseintes com o mundo e consigo mesmo é mediada pelos objetos, ele vai cultivar a crença de que a vida é consumo (no caso, um consumo ultra-refinado), e é essa necessidade que vai prendê-lo à civilização da qual tencionava escapar.

Em parte, o fracasso decorre de viver ele à custa do trabalho alheio, ou seja, o usufruto de objetos produzidos por outras pessoas, artistas ou não. O seu diletantismo, de grande poder aquisitivo, remete ao padrão de vida da burguesia da época, cuja aspiração a um hedonismo consumista e vocação industrial impulsionavam os progressos do *Art Nouveau*. Sua recusa em participar do turbilhão do século, seu desprezo pelo trabalho vão resultar na ausência de realização pessoal. Des Esseintes será, até o fim, uma vítima do tédio.

Como diletante, ele não constitui um tipo isolado na literatura, mas tem seus contemporâneos no Charles Demailly de *L'Homme des Lettres*, dos irmãos Goncourt, e em Samuel Cramer, protagonista de *Le Farfalo*, de Baudelaire.⁹ O fracasso de Des Esseintes, que nada mais é do que a não funcionalidade de sua neurose no real,¹⁰ seu caráter quixotesco, a insolúvel mistura de seres tão disparatados quanto o dândi, o esteta na torre de marfim e o passante ensombrecido pelo *spleen* não deixam de apontar para sentimentos que estarão cada vez mais

⁸ O lado dândi de Des Esseintes foi inspirado em uma pessoa real, o Conde de Montesquiou, que também inspirou Proust na composição do Barão de Charlus. Mas o Conde, ao contrário de Des Esseintes, foi um dândi satisfeito consigo mesmo e nada neurótico, conforme atestou em suas memórias.

⁹ Marc Frumaroli mostra como, na constituição do protagonista, *Às Aversas* é um *roman à clé* (cf. Marc FRUMAROLI, Prefá-

presentes na literatura, a carência de sentido do mundo, o desenraizamento do homem e o caráter fragmentário dos acontecimentos.

Nesse sentido, o protagonista de *Às Avestas* vive um drama moderno. É na busca de um herói sem fé para alcançar um ideal na vida, mas que termina por perder-se no mundo das coisas, que Des Esseintes, se não funda, decerto insere-se numa linhagem de personagens da qual fará parte o Bardamu de *Voyage au Bout de la Nuit*. A epígrafe deste, uma canção dos Gardes Suisses de 1793: "*Notre vie est un voyage/ Dans l'hiver et dans la nuit,/ Nous cherchons notre passage/ Dans le ciel où rien ne luit*", lembra, e muito, o trecho final de *Às Avestas*: – "Senhor, tem piedade do cristão que duvida, do incrédulo que desejaria crer, do forçado da vida que embarca sozinho, de noite, sob um firmamento que não mais iluminam os consoladores fanais da velha esperança!"¹¹

Concluindo, temos que, elaborada numa prosa de poeta, na qual predomina o poder evocativo da metáfora, de uma expressão que privilegia o aspecto ambíguo e sugestivo da palavra, em detrimento da afirmação cabal e seca, a linguagem de *Às Avestas* se aproxima, em sua expressão, dos próprios mecanismos do inconsciente e prefigura uma noção de tempo que atingirá sua plena forma em Proust. Já a abordagem racional da psique aparece, no romance de Huysmans, como paródia do naturalismo.

A expressão literária do inconsciente, que pertence a toda uma linhagem literária da modernidade, vem de par com uma série de transformações que aconteciam no mundo por ocasião da *Belle Époque*. O desenvolvimento ímpar da ciência, a revolução industrial, a consolidação do colonialismo europeu e a crescente importância econômica dos Estados Unidos no panorama mundial, enfim, todo um quadro de enriquecimento da elite industrial, que se contrapunha à crescente massa do proletariado, tinha como manifestação, nas grandes cidades européias, uma nova urbanidade. Entra em jogo a solidão paradoxal do transeunte em meio à multidão. Esse sentimento agudo de isolamento, típico do habitante das grandes metrópoles contemporâneas, desponta nas obras de Baudelaire e de Poe, ambas leituras de J.-K. Huysmans.

Des Esseintes pode ser considerado um cruzamento de três tendências que constituem, do ponto de vista do habitante da Paris recém-urbanizada por Haussman, tantas faces da vida na metrópole. Uma é a do passante anônimo, que vem acompanhada de uma aura crepuscular de *spleen*; a outra, é a do dândi refinado; e a terceira, do esteta, homem de letras. Uma reflete o profundo desenraizamento do homem contemporâneo, sua miséria afetiva; a outra mostra seu encontro com o objeto, a possível felicidade no consumo; e a última, a do diletante frustrado em sua torre de marfim, indica, por oposição, o fazer artístico como possibilidade de realização pessoal.

O fracasso de Des Esseintes em realizar seu projeto de vida está determinado nessa impossível fusão, e não deixa de prefigurar as *fashion victims* de hoje. Revela o aspecto enganador do culto ao objeto, do fetiche da mercadoria e, ao mesmo tempo, através do gozo estético que a leitura do romance proporciona, indica o fazer artístico como modelo capaz de resolver o dilema entre a realidade e a consciência.

Mas talvez seja equivocado ver no personagem apenas um diletante. Ao traçar e perseguir um projeto de existência, não seria ele também um artista, cujo material é a própria vida? Assim como o mármore resiste a ser moldado pelo

cio, *In À Rebours*, notas de Lucien Descaves, Paris, Folio/Gallimard, 1977).

⁽¹⁰⁾ Oliver Sacks traça considerações interessantes sobre a capacidade adaptativa do indivíduo com distúrbios da mente.

⁽¹¹⁾ J.-K. HUYSMANS, *op. cit.*, p. 254.

escultor, e nesse embate consolida-se a função exemplar da arte, também a vida resiste a ser por nós determinada. Esse conflito, que revela em sua raiz a possibilidade de um fazer ético, torna *Às Avessas* uma das obras fundadoras da arte e da literatura modernas.

ABSTRACT: Reflections on the distinctive quality of the prose and the main character of J.-K. Huysman's novel *A Rebours* emphasize the innovative side of his work. References are made to the historic context and to poets of the French symbolism as well as to others modern novels.

KEYWORDS: Symbolism; *Art Nouveau*; Modernity; Psyche.

Texto elaborado para a disciplina *Romance, Desromance, Re-romance*, ministrada pelo Prof. José Paulo Paes, no 1º semestre de 1995, na USP.